

>> Artigos

## UMA TRADIÇÃO INVENTADA: A FESTA JUNINA NA HISTÓRIA DA CULTURA ESCOLAR DO CEF 801 DO RECANTO DAS EMAS (1999-2024)

Alexsander Vinícius dos Santos Batista <sup>1</sup>

Juarez José Tuchinski dos Anjos <sup>2</sup>

### Resumo:

O objetivo é investigar os sentidos e significados das festas juninas no interior da cultura escolar do CEF 801 do Recanto das Emas entre os anos de 1999 e 2024. Partindo da hipótese da festa junina escolar como uma tradição inventada, identificou-se dentre as práticas que a materializavam no passado e ainda materializam no presente o uso das vestimentas caricatas do caipira; a dança da quadrilha, as barracas, as brincadeiras, as comidas e a arrecadação de fundos para a escola. Quanto aos valores e normas de comportamento que visava disseminar viu-se que, dado o papel marcante das populações oriundas do nordeste brasileiro na formação da cidade onde a escola funciona, ela buscava construir e reforçar traços da identidade comunitária, baseada em aspectos culturais que fazem referência às suas origens. Por fim, embora festas juninas escolares sejam realizadas no Distrito Federal desde sua formação, na década de 1960, a festa, como tradição inventada, revela-se porosa o suficiente para incorporar novos sentidos e significados – como o reforço da identidade nordestina – ao mesmo tempo que mantém e perpetua outros – como danças e ritos –, adaptando-se, assim, aos diferentes contextos e necessidades educacionais.

### Palavras-chave:

História da Educação. Cultura Escolar. Festas Juninas.

## AN INVENTED TRADITION: THE JUNE FESTIVAL IN THE HISTORY OF SCHOOL CULTURE AT CEF 801 IN RECANTO DAS EMAS (1999-2024)

**Abstract:** The objective is to investigate the meanings and significance of the June festivals within the school culture of CEF 801 in Recanto das Emas between the years 1999 and 2024. Starting from the hypothesis of the school June festival as an invented tradition, the following practices were identified among those that materialized it in the past and still materialize in the present: the use of caricatured country-style clothing; the quadrille dance, the stalls, the games, the food, and the fund raising for the school. Regarding the values and norms of behavior that it aimed to disseminate, it was seen that, given the significant role of populations originating from the Brazilian Northeastern region in the formation of the city where the school operates, it sought to build and reinforce traits of community

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: alexvi416@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9433-0823>

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Professor da Universidade de Brasília. E-mail: juarezdosanjos@unb.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>

identity, based on cultural aspects that refer to its origins. Finally, although school June festivals have been held in the Federal District since its formation in the 1960s, the festival, as an invented tradition, proves to be porous enough to incorporate new senses and meanings – such as the reinforcement of Northeastern identity – while maintaining and perpetuating others – such as dances and rites – thus adapting to different educational context and needs.

**Keywords:** History of Education. School Culture. June Festivals.

## UNA TRADICIÓN INVENTADA: LA FIESTA JUNINA EN LA HISTORIA DE LA CULTURA ESCOLAR DEL CEF 801 EN RECANTO DAS EMAS (1999-2024)

**Resumen:** El objetivo es investigar los significados y la importancia de las fiestas juninas en la cultura escolar del CEF 801 en Recanto das Emas entre 1999 y 2024. Partiendo de la hipótesis de que la fiesta junina escolar es una tradición inventada, se identificaron las siguientes prácticas, entre las que la materializaron en el pasado y que aún se materializan en el presente: el uso de ropa campestre caricaturizada; el baile de cuadrilla, los puestos, los juegos, la comida y la recaudación de fondos para la escuela. Encuanto a los valores y normas de comportamiento que se pretendían difundir, se observó que, dado el importante papel de las poblaciones originarias del noreste brasileño en la formación de la ciudad donde opera la escuela, se buscó construir y reforzar rasgos de identidad comunitaria, basados en aspectos culturales que remiten a sus orígenes. Finalmente, si bien las fiestas escolares de junio se han celebrado en el Distrito Federal desde su fundación en la década de 1960, la fiesta, como tradición inventada, demuestra ser lo suficientemente porosa como para incorporar nuevos sentidos y significados, como el reforzamiento de la identidad nordestina, a la vez que mantiene y perpetúa otros, como las danzas y los ritos, adaptándose así a diferentes contextos y necesidades educativas.

**Palabras clave:** Historia de la educación. Cultura escolar. Fiestas de junio.

### 1 Introdução

O CEF – Centro de Ensino Fundamental – do Recanto das Emas, no Distrito Federal, foi criado em 1999, dentro do processo de expansão urbana das periferias daquela unidade da Federação. Segundo seu Projeto Político-Pedagógico (2024, p. 8-9):

Ainda no ano de 1998, com o assentamento de diversas famílias nas quadras 601, 602, 801, 802 e demais invasões nas quadras 803, 804 e 805, surgiu uma grande demanda para o ensino fundamental e já não havia tempo hábil para a construção de um prédio definitivo. Dessa forma, a Secretaria de Educação e a Comunidade decidiram que uma escola provisória, que atendesse estudantes do 1º ao 9º ano deveria ser construída com urgência para que os estudantes tivessem o direito ao estudo garantido. Desde 1999 a escola de madeirite teve como público-alvo crianças e adolescentes de diferentes regiões do Brasil e do DF (...)

Nos primeiros anos de funcionamento, mesmo diante de limitações estruturais, a escola buscou garantir o acesso à educação fundamental, adotando práticas pedagógicas alinhadas aos currículos vigentes e adaptadas ao contexto da comunidade escolar. Produziu-

se, de fato, desde os primeiros momentos, uma cultura escolar própria<sup>3</sup>. Um dos vetores dessa cultura escolar foi a realização de festas escolares, em especial, festas juninas.

Como toda festa, as festas juninas “constituem-se (...) em observatórios do social, por meio dos quais é possível, ao historiador, vislumbrar valores e visões de mundo sobre aquilo que se festeja e o lugar que o objeto da celebração ocupa em um determinado momento/contexto histórico” (OLIVEIRA E ANJOS, 2024, p. 18). Conforme o folclorista Câmara Cascudo (2012, p. 369):

São João é festejado com as alegrias transbordantes de um deus amável e dionisíaco, com farta alimentação, música, danças, bebidas e uma marcada tendência sexual nas comemorações populares, adivinhações para casamento, banhos coletivos pela madrugada, prognósticos de futuro, anúncio da morte no curso do próximo ano. O santo, segundo a tradição, adormece durante o dia que lhe é dedicado tão ruidosamente pelo povo, através dos séculos e países. Se ele estiver acordado, vendo o clarão das fogueiras acesas em sua honra, não resistirá ao desejo de descer do céu, para acompanhar a oblação, e o mundo acabará pelo fogo.

A festa junina, assim, originalmente, não é uma festa escolar, isto é, permeada por elementos afeitos ao mundo da escola e da escolarização. Não obstante, ao longo da história da educação brasileira, foi incorporada aos calendários da escola, tornando-se, aos poucos, uma festa escolar, aqueles tipos de celebração que “funcionavam, por vezes, como vitrines das escolas, dando a ver à sociedade, por meio desses momentos celebrativos, o que estas instituições faziam nos diversos contextos sociais em que estavam inseridas” (OLIVEIRA E ANJOS, 2022, p. 194). No Distrito Federal, isso se deu já nos primeiros anos da inauguração de Brasília, fosse com o objetivo de arrecadar fundos para a escola ou para celebrar a união das famílias em torno de uma festa popular (Luz e Anjos, 2022a; Anjos, Ribeiro e Sá, 2023).

A festa junina escolar, assim, pode ser entendida, com Eric Hobsbawn (2022), enquanto uma tradição inventada:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN, 2022, p. 8).

Se a festa junina escolar é uma tradição inventada, quais seriam as práticas, os valores e as normas de comportamento que ela visava inculcar nos estudantes que dela participavam através da sua repetição? Diante desse problema histórico, o objetivo do artigo é investigar os sentidos e significados das festas juninas no interior da cultura escolar do CEF 801 do Recanto das Emas entre os anos de 1999 e 2024.

Para o desenvolvimento desta investigação, as fontes privilegiadas são fotografias que retratam as primeiras festas juninas do CEF 801 do Recanto das Emas e o Projeto Político Pedagógico da Escola, de 2024.

Em relação às fotografias, foram selecionadas 5 imagens dentro de um acervo de 656 registros fotográficos guardados em 24 álbuns físicos que integram o acervo do CEF 801. As

---

<sup>3</sup> Aqui entendida como um “conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 10, grifos do original)

fotografias selecionadas são as que melhor retratam as festividades juninas, oferecendo inúmeras pistas, indícios e sinais (GINZBURG, 1989) a serem interrogados na operação historiográfica (CERTEAU, 2002).

Esse conjunto de imagens é tomado, neste estudo, como uma forma de “representação do real, produzida em uma época (ou seja, é sempre uma representação do passado), transpassada de valores, expectativas e imaginários, que em conjunto fornecem o significado amplo da realidade que ela quer representar” (ANJOS, 2015, p. 271). Embora 5 fotografias pareçam um corpus documental reduzido em comparação com o total de imagens disponíveis, consideramos, com Boris Kossoy, que mesmo “uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida” (KOSSOY, 2020, p. 115). Assim, entendemos ser possível construir descrições densas (GEERTZ, 2008) em uma narrativa aprofundada desse corpus documental selecionado.

Já o projeto político pedagógico da escola, mais recente, é entendido aqui como um “documento/monumento” (LE GOFF, 1990), ou seja, um registro de como a instituição escolar se vê na sua tarefa de organizar e realizar o processo educativo das crianças e adolescentes que a frequentam. É um documento feito para mostrar – daí ser um monumento, algo que quer perenizar uma autoimagem da escola – e esclarecer os sentidos de suas práticas educativas e de como elas se articulam às normativas políticas e pedagógicas vigentes na legislação educacional nacional e local. É, além de monumento, um “documento de identidade” (SILVA, 1999), que revela o que o CEF 801 é, pela articulação de uma identidade historicamente construída, com referências ao passado e ao presente, mas também ao futuro, isto é, os resultados aos quais a escola espera chegar.

Apresentados os protocolos teórico-metodológicos deste estudo, seguimos, nas próximas páginas, com a análise desse conjunto de evidências históricas. Ao final, encerramos o percurso com algumas considerações, a modo de conclusão.

## 2 As festas juninas na cultura escolar do CEF 801

Começemos observando as imagens a seguir:

Figura 1: Festa Junina do CEF 801 do Recanto das Emas.  
Fonte: acervo do CEF 801 do Recanto das Emas. Sem data.



Figura 2: Festa Junina do CEF 801 do Recanto das Emas.



Fonte: acervo do CEF 801 do Recanto das Emas. Sem data.

As fotografias apresentam a festa junina como um lugar de celebração e encerramento de um trabalho pedagógico orientado para aquele momento. Isso fica evidenciado com as apresentações artísticas expostas nas figuras 1 e 2 em que suas respectivas realizações dependem de ensaios prévios, cuja preparação, porém, não foi documentada em fotografias, tendo o operador fotográfico, assim, privilegiado o resultado em detrimento do processo.

As vestimentas do alunado masculino seguem as caricaturas do caipira, do matuto e do sertanejo, como uma tentativa de representar o Brasil Rural e criar uma imagem que destoa do habitual daquele espaço, que era eminentemente urbano. Ao centro da imagem 1, a menina com vestido branco e um pequeno arranjo de flores nas mãos revela a cena de um casamento de quadrilha. Já na figura 2, observa-se a presença marcante das meninas com trajes típicos e adereços coloridos, compondo um cenário produzido que marca a vestimenta simbólica do festejo.

Com efeito, a festa junina é uma celebração fortemente ligada ao mundo rural. Como explica Câmara Cascudo, a celebração do nascimento de São João – o último dos profetas – coincide com o “solstício do verão (de inverno para a América Austral), quando as populações do campo festejavam a proximidade das colheitas e faziam os sacrifícios para afastar os demônios da esterilidade, pestes dos cereais, estalagens, etc.” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 369). No Brasil, por influência da colonização portuguesa, o festejo começou a ser realizado desde o século XVI e, aos poucos, consolidou-se como festa das populações rurais (Câmara Cascudo, 2012). Todavia, sabemos que esta comemoração não se limitava a elas. Prova disso é sua celebração em escolas urbanas, como era o caso do CEF 801, já nos seus primeiros anos de funcionamento. Mas a festa ainda carrega ares campestres: daí a necessidade da fantasia, em que por meio de roupas e adereços, os alunos tentavam imitar – de forma estereotipada, sem dúvidas, mas apropriada para a performance festiva – o que seriam as feições dos homens e mulheres do campo, conforme vistas pelas gentes da cidade.

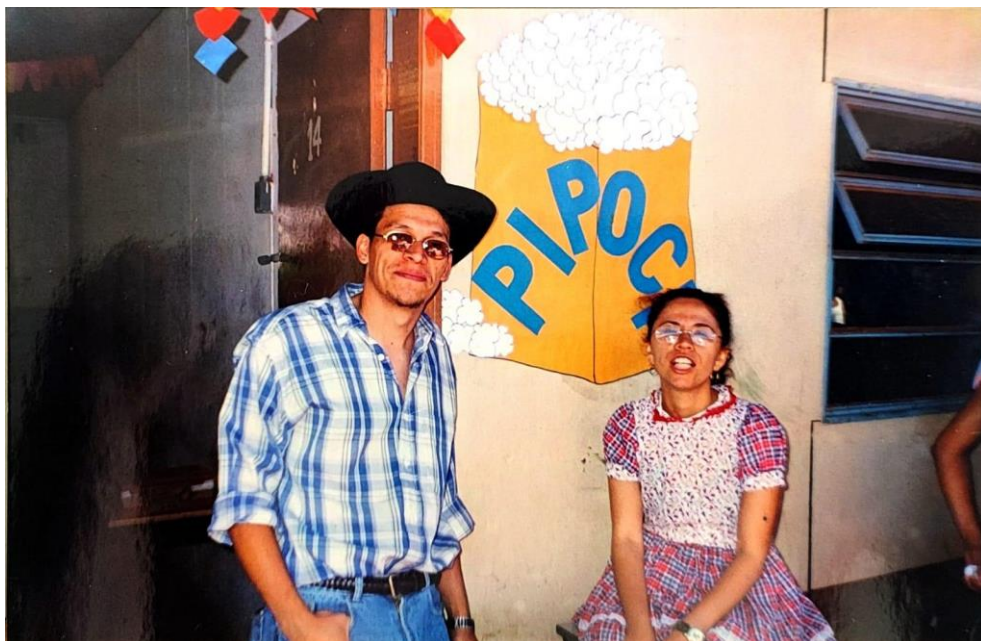


Figura 3: Boca do Palhaço na Festa Junina do CEF 801 do Recanto das Emas.



Fonte: acervo do CEF 801 do Recanto das Emas. Sem data.

Figura 4: Professores na banca da pipoca na Festa Junina do CEF 801 do Recanto das Emas.



Fonte: acervo do CEF 801 do Recanto das Emas. Sem data.

Figura 5: Barraca da pescaria na festa Junina do CEF 801 do Recanto das Emas  
Fonte: acervo do CEF 801 do Recanto das Emas. Sem data.



espaço na realização da festa. Como observado nas figuras 1 e 2, as apresentações ocorreram no pátio de terra batida, espaço externo às salas de aulas, enquanto as salas e corredores concentravam as barracas onde se comercializavam brincadeiras e comidas, como mostram as figuras 3, 4 e 5. A tímida decoração do pátio externo sugere que a festa se concentrou nos corredores, que abrigou as barracas adornadas com bandeirinhas e murais. A forma em que se deu a organização da festa, a mobilização dos docentes nas barracas e o pequeno detalhe do preço de 50 centavos na figura da brincadeira boca do palhaço enunciam que a festa junina do CEF 801 do Recanto das Emas se dava a partir do duplo objetivo de celebrar e arrecadar. Esse duplo uso da festa junina não era novo no Distrito Federal.

Conforme apresentaram Anjos, Ribeiro e Sá (2023) por meio da análise de textos publicados pela jornalista Yvonne Jean entre 1962 e 1968, as festas juninas nas escolas de Brasília já conjugavam o duplo propósito de celebrar e arrecadar. Nesse contexto, entre alguns comentários de Yvonne Jean sobre a festa como um instrumento de arrecadação, a celebração foi descrita como uma “festa cuja finalidade principal é arrecadar fundos para a caixa escolar que comprará, antes de mais nada, um fogão” (ANJOS; RIBEIRO; SÁ, 2023, p. 18). Assim, observa-se que “Embora fossem comemorações festivas, capazes de encantar a colunista, as motivações não eram louváveis, pois denunciavam o estado de coisas da educação que era muito precário” (ANJOS; RIBEIRO; SÁ, 2023, p. 18).

Também nos jardins de infância de Brasília a festa junina se fez presente desde a primeira década da cidade. No caso estudado por Luz e Anjos (2022a), tratava-se de ocasião para festejar o mundo caipira, mas, também, de arrecadar recursos para a Caixa Escolar<sup>4</sup>. Foi

<sup>4</sup> “A Caixa escolar foi e ainda é – de fato, sua história chega até nossos dias – um mecanismo de financiamento da educação de alunos pobres ou, como diríamos no presente, em situação de

o caso da festa junina realizada pelo jardim de infância da quadra 114 Sul, no qual a pequena Denise, filha do então presidente da República, João Goulart, interpretaria a “noiva matuta”. Embora a escola fosse frequentada por crianças de posses, como era o caso da “primeira filha”, havia ali também crianças carentes, para as quais o trabalho da caixa escolar era fundamental e para a qual a renda da festa seria revertida (LUZ E ANJOS, 2022a).

Dessa forma, apesar das fontes não apontarem caminhos para o uso do dinheiro arrecadado pelo CEF 801 do Recanto das Emas em seus festejos, a dualidade entre celebração cultural e arrecadação de recursos caracteriza as festas escolares no Distrito Federal desde os anos 1960, apresentando a festa como portadora de uma dimensão pedagógica e de uma função prática no financiamento da vida escolar; experiência ainda vivenciada numa escola periférica da região em fins do século XX e no decorrer do século atual (CEF 801, 2024).

A constância de sua realização instaura a festividade junina como um elemento significativo da cultura escolar, seja na fase atual da escola, seja no Barracão. A manutenção do festejo junino, ano após ano, eleva a prática também como uma tradição inventada (HOBBSAWN, 2022) da escola, tanto internamente como para a comunidade que anseia e participa intensamente da festividade. Atualmente a festa junina integra o projeto político pedagógico da escola com a seguinte descrição:

Aproveitando os ensejos das grandes comemorações no Brasil, com os festejos juninos que acontecem de norte a sul do país, o projeto tem por objetivo reforçar valores e tradições e fomentar a pesquisa e a curiosidade sobre o nosso país. Por trás da festa existe um arcabouço teórico e pedagógico com vistas às aprendizagens significativas. (CEF 801 do Recanto das Emas, 2024, p. 149).

Na escola, a festa junina é tida como um projeto pedagógico voltado à cultura nordestina, um grupo étnico fortemente presente na formação do Distrito Federal e do Recanto das Emas. O projeto geralmente guia o desenvolvimento do processo de ensino na instituição gerando temas e atividades para aula, além dos ensaios para as apresentações, movimentação para a ornamentação da escola e as dinâmicas coletivas da gincana que coloca as turmas em competição durante o 2º bimestre letivo, período que precede o festejo e é, geralmente, encerrado por ele. Dessa forma, a festa junina torna-se elemento estruturante do calendário escolar e mobiliza professores, alunos e comunidade em torno de práticas que ultrapassam o caráter lúdico e assumem também dimensões pedagógicas e sociais. O objetivo da atividade de “reforçar valores e tradições e fomentar a pesquisa e a curiosidade sobre o nosso país” (CEF 801 do Recanto das Emas, 2024, p.149) configura o papel da festa não apenas como momento de lazer e confraternização, mas como prática pedagógica voltada à construção e ao reforço de tradições no espaço escolar. Essas tradições são voltadas a construir e reforçar traços da identidade comunitária, baseada em aspectos culturais que fazem referência às suas origens.

O grande referencial da dita prática pedagógica, apesar de não estar exposto expressamente no PPP, é a Região Nordeste. Isso se sustenta pela percepção de origem da maioria da população do Recanto das Emas. Em parte, tal percepção é confirmada por dados estatísticos que apontam que 67,95% das pessoas que migraram para o Recanto das Emas são oriundos da Região Nordeste, contrastando fortemente com os percentuais das demais regiões,

---

vulnerabilidade social. Ventilada ainda em fins do Império como uma estratégia que poderia criar condições de exequibilidade da escolarização do estudante pobre, fornecendo-lhe roupas e materiais escolares, por exemplo, teve largo emprego ao longo do período republicano, mantendo-se em funcionamento, no presente, em muitos estados brasileiros” (LUZ E ANJOS, 2022b, p. 176).



dentre esses, cerca de 47% migraram para o Distrito Federal entre 1990 e as duas primeiras décadas dos anos 2000 (PDAD, 2015, p. 20).

Dessa forma, a presença massiva de nordestinos e seus descendentes, aliada à temporalidade da chegada que consiste no momento de desenvolvimento do Recanto das Emas, são elementos que explicam a centralidade da cultura nordestina nas práticas escolares da festa junina corroborando com a construção de uma identidade escolar vinculada à identidade comunitária. Entretanto, o período relativamente recente da constituição do CEF 801 do Recanto das Emas e, sobretudo, as fotografias de seu acervo dão conta dos momentos iniciais da construção dessa tradição envolta à realização da festa. Dessa forma, é possível observar a festa junina escolar não só como uma tradição inventada, mas como uma tradição assimilada já existente na rede de ensino que anualmente realizava festas juninas nas escolas públicas e particulares do Distrito Federal.

Sob a luz de Hobsbawm (2022), então, é possível observar a realização da prática da festa junina como uma tradição inventada na medida em que objetiva habituar as classes de crianças e adolescentes com os ditos valores e tradições do país, sobretudo do Nordeste, transmitindo comportamentos, danças, brincadeiras, músicas, culinária e outros traços culturais que envolvem o festejo a partir da repetição do evento ano a ano e do trabalho pedagógico que é orientado pelo tema. De maneira implícita, há também a relação de continuidade para com o passado dessas famílias, que saíram dos seus lugares de origem para viver no Distrito Federal, transformando o espaço escolar e o trabalho pedagógico em lugar de assimilação cultural a partir de uma determinada percepção da identidade comunitária. Dessa forma, a festa junina escolar pode ser compreendida como uma tradição inventada, pois se consolida enquanto prática pedagógica que, ao ser repetida anualmente, busca transmitir conhecimentos e valores culturais.

Nesse processo, a festa junina não apenas celebra uma herança cultural e possíveis vivências de migrantes, sejam eles moradores, professores ou alunos. O trabalho pedagógico envolta do festejo junino também seleciona, reorganiza e ressignifica práticas e elementos culturais a partir do local e do tempo em que se realizam. Cria-se assim uma imagem de Nordeste, um novo Nordeste inventado e reinventado nas práticas escolares. Como observa Albuquerque Júnior (2011, p. 35) “definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos, e não pensá-la como uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza”. No contexto investigado, a escola, ao repetir símbolos e narrativas ligadas ao Nordeste, reforça exatamente essa lógica de invenção por meio da cristalização de imagens de um povo e de sua suposta essência, o que revela mais um processo discursivo do que uma experiência cultural integralmente vivida.

Dessa forma, a tradição inventada a partir da prática da festa junina não é só a realização do festejo em si, mas também a própria invenção do discurso que gera e cristaliza uma imagem de Nordeste naquele espaço e naquela comunidade. O Nordeste é tomado, então, “como invenção, pela repetição regular de determinados enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo” (ALBUQUERQUE JR., 2011 p. 35). Dessa maneira, ao mesmo tempo em que projeta a ideia de continuidade com um passado que, em muitos casos, é reconstruído mais por um imaginário edificado coletivamente do que pelas vivências dos migrantes e seus descendentes, as práticas escolares entorno da festa junina geram imagens e discursos sobre os festejos juninos e sobre o Nordeste para transmitir e valores, costumes e conhecimentos selecionados.

Conforme entende Faria Filho (2007, p. 201), “pensar a cultura escolar é pensar as formas como os sujeitos escolares se apropriam das tradições, das culturas em que estavam imersos nos diversos momentos da história do processo de escolarização”. Nesse sentido, a análise da festa junina no CEF 801 do Recanto das Emas deve ser entendida a partir do duplo movimento de invenção de uma tradição no interior da escola e de sua comunidade, mas também com uma assimilação de um ritual já consolidado historicamente no Distrito Federal. Portanto, a festa junina se consolida não apenas como transmissão de determinados valores e conhecimentos que a compõem, mas também como elemento constitutivo de uma identidade comunitária e da cultura escolar da instituição, que buscou se assemelhar às demais culturas escolares próximas a ela.

### 3 Considerações finais

Ao longo desse artigo perseguimos o objetivo de investigar os sentidos e significados das festas juninas no interior da cultura escolar do CEF 801 do Recanto das Emas entre os anos de 1999 e 2024.

Metodologicamente, interrogamos dois conjuntos documentais: uma série de 5 fotografias e o Projeto Político-Pedagógico da Escola de 2024, tomados como evidências para se estudar a festa junina escolar como elemento da cultura escolar do CEF 801. Dialogamos, também, com a historiografia sobre as festas escolares em Brasília, particularmente, nos primeiros anos da capital federal.

Partindo da hipótese da festa junina escolar como uma tradição inventada, identificamos dentre as práticas que a materializavam no passado e ainda materializam no presente da instituição estudada o uso das vestimentas caricatas do caipira; a dança da quadrilha, as barracas, as brincadeiras, as comidas e a arrecadação de fundos para a escola.

Quanto aos valores e normas de comportamento que essa festa escolar visava disseminar vimos que, dado o papel marcante das populações oriundas do nordeste brasileiro na formação da cidade onde a escola funciona, ela buscava construir e reforçar traços da identidade comunitária, baseada em aspectos culturais que fazem referência às suas origens.

Por fim, embora festas juninas escolares sejam realizadas no Distrito Federal desde sua formação, na década de 1960, a festa, como tradição inventada, revela-se porosa o suficiente para incorporar novos sentidos e significados – como o reforço da identidade nordestina – ao mesmo tempo que mantém e perpetua outros – como danças e ritos –, adaptando-se, assim, aos diferentes contextos e necessidades educacionais. Daí sua força e constante atualidade bem como pertinência para o alcance de finalidades pedagógicas e culturais.

### Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011

ACERVO FOTOGRÁFICO DO CEF 801. Recanto das Emas, Brasília, 1999-2024.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Desfiles cívico-escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. *Acta Scientiarum Education*. Maringá, v. 37, n. 3, p. 269-276, set.-dez. 2015.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Festas escolares em Brasília: o olhar da jornalista Yvonne Jean (1962-1968). *Educação em Questão*. Natal, v. 61, n. 70, p. 1-23, out.-dez. 2023.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2012.

CEF 801 DO RECANTO DAS EMAS. *Projeto Político-Pedagógico*. Recanto das Emas, 2024, mimeografado.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN). *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios: Distrito Federal – PDAD/DF-2015*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Distrito-Federal-1.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2026.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 193-214.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa*. In: FONSECA, Thais Nivia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. -.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RINGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2022, p. 7-24.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, p. 9-43, jan.-jun. 2001.

KOSSOY, Bóris. *Fotografia & História*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LUZ, Alana Souza; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A caixa escolar na historiografia educacional brasileira recente (2011-2021). *Revista Contemporânea de Educação*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 39, p. 175-193, mai.-ago. 2022b.

LUZ, Alana Souza; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Financiamento e usos da caixa escolar nos jardins de infância de Brasília. *Revista Entreideias*. Salvador, v. 11, n. 3, p. 39-58, set.-dez. 2022a.

OLIVEIRA, Aline Ribeiro de; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Práticas comemorativas da semana da criança na Escola Parque de Brasília (1960-1971). *Inter-Ação*. Goiânia, v. 49, n. 1, p. 16-31, jan.-abr. 2024.

OLIVEIRA, Aline Ribeiro de; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Um balanço da historiografia sobre festas escolares (2000-2021). *Teoria e Prática da Educação*. Maringá, v. 25, n. 3, p. 180-197, set.-dez. 2022.

SILVA, Tomás Tadeu. *Documentos de identidade*: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

### **Contribuições da autoria**

Alexsander Vinícius dos Santos Batista: Conceitualização, interpretação e análise dos dados, investigação, redação.

Juarez José Tuchinski dos Anjos: Conceitualização, interpretação e análise dos dados, supervisão/orientação, redação.

**Data de submissão:** 03/03/2026

**Data de aceite:** 17/06/2026